
**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará- Brasil**



Edição Especial N.7. Set./Dez./ 2019 p. 47-69

ISSN: 2237-0315

Dossiê: Crianças, mídias e mediações

**Mediação familiar no processo de assistência infantil de meios audiovisuais:
pesquisa de campo com alunos do ensino público do interior do Rio de Janeiro**

*Family mediation in children's audiovisual contents watching process: field research
with students from public education in Rio de Janeiro countryside*

Paula Ceccon Thurler

Alexandre Farbiarz

Universidade Federal Fluminense –UFF

Rio de Janeiro-Brasil

Resumo

Este artigo, recorte de uma pesquisa mais ampla, analisa a produção de sentidos de um grupo de alunos de uma escola municipal do interior do Rio de Janeiro, a partir de conteúdos audiovisuais assistidos por eles em seu cotidiano, na TV e na Internet. Busca-se abordar as menções à mediação familiar que apareceram no discurso das crianças sobre o que assistem. As reflexões apresentadas tiveram como base pesquisa de campo realizada na escola em 2017, com 48 alunos do 3º ano do Ensino Fundamental. Por meio de análise do resultado do campo, verificou-se a relevância das mediações nos processos comunicativos das crianças, assumindo que elas carregam fortes relações com os sentidos produzidos a partir dos conteúdos assistidos.

Palavras-chave: audiovisual; mediação familiar; cotidiano infantil.

Abstract

This article, part of a wider research, aims to analyze the meaning production of a group of students from a municipal school in Rio de Janeiro countryside regarding the audiovisual content they watch in their daily lives - whether on TV or on the Internet. It seeks to address the emergence of family mediation in the discourse of children on what they watch. The proposed reflections were based on field research conducted at the school in 2017, with 48 students from the 3rd year of Elementary School. Through the analysis of the field results, we verified the relevance of the mediations in the children's communicative processes, observing that mediations carry strong relations with the senses produced from the contents watched.

Keywords: audiovisual; familiar mediation; children's daily life.

Introdução

A partir de uma reflexão sobre usos e acessos das crianças às mídias, este artigo analisa a produção de sentidos¹ de um grupo de alunos de uma escola do interior do estado do Rio de Janeiro com base na assistência de conteúdos audiovisuais em seu cotidiano, tendo como foco a mediação familiar envolvida nesse processo. Assim como Kellner e Share (2008, p. 688), acreditamos que mudanças na sociedade contemporânea têm possibilitado alterações também na forma como as crianças usam as mídias e aprendem a partir delas.

As inovações tecnológicas, a expansão dos impérios globais da mídia, uma explosão de novos tipos de mídia e um ilimitado bombardeio comercial a crianças têm contribuído, atualmente, para a formação de um ambiente em que a juventude está crescendo num mundo mediado, muito diferente do de qualquer geração anterior. Se, por um lado, os avanços tecnológicos criaram novas possibilidades para o livre fluxo de informações, o uso de redes sociais e o ativismo global, por outro lado, há também o potencial que as empresas e governos exercem de ampliar seu controle sobre os meios de comunicação, restringir o fluxo de informações e apropriar-se dessas novas ferramentas para o seu próprio lucro e controle, à custa da livre expressão e da democracia.

A percepção das crianças em relação ao que é exibido pelas mídias é, portanto, diferente do olhar que os adultos têm sobre os mesmos conteúdos e, mais do que isso, diferente da percepção que esses mesmos adultos tiveram quando crianças. O conhecimento vem de diversas fontes, não apenas da escola e da família, o que torna o processo de aprendizagem também diferente. Vale ressaltar, assim, as peculiaridades do processo de produção de sentidos das crianças a partir dos conteúdos midiáticos. Como reforçam Belloni e Gomes (2008, p. 719),

As crianças percebem as mensagens midiáticas a sua maneira, de acordo com as mediações que se estabelecem em seu grupo familiar, social, escolar, de pares. Vão construindo seu imaginário a partir destas significações, misturando ficção com realidade, super-heróis e personalidades políticas, catástrofes reais com violência fictícia. Em suas relações com as mídias, especialmente a televisão, as crianças atribuem vida e poder aos personagens das telinhas, com quem elas estabelecem relações afetivas.

Tendo como abordagem principal o questionamento sobre como as crianças produzem sentido a partir dos conteúdos midiáticos aos quais têm acesso cotidianamente e entendendo que tais conteúdos são, em sua maioria, de natureza audiovisual, analisamos as características do processo comunicativo de um grupo de

crianças do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior do estado do Rio de Janeiro. Considerando as múltiplas possibilidades de produção de sentidos e de resignificação a partir da mídia e percebendo que, atualmente, as crianças estão imersas em um mundo mediado, do qual recebem informações por diversas fontes a todo instante, buscamos analisar a produção de sentidos deste grupo de crianças a partir de conteúdos audiovisuais assistidos por elas em seu cotidiano.

Acreditamos que a produção de sentidos carrega fortes relações com as mediações estabelecidas ao longo do processo comunicativo. A este respeito, Duarte (2008, p. 19), a partir dos estudos de Orozco Gómez, afirma que,

[...] quatro principais fontes de mediação atuam sobre o processo de recepção: mediação *individual* (questões relativas à história de vida do sujeito, o gênero, idade, etnia, desenvolvimento cognitivo e emocional, e assim por diante); mediação *situacional* (diz respeito aos cenários em que se produzem as negociações e apropriações de significado, ou seja, as situações nas quais se processam as relações entre a mídia e seu receptor); mediação *institucional* (diz respeito ao papel desempenhado na produção de sentido pelas instituições e organizações sociais das quais o indivíduo participa simultaneamente: Estado, família, escola, grupo de pares, Igreja, etc); e mediação *tecnológica* (trata-se dos mecanismos exclusivos da mídia em questão, isto é, linguagem e características técnicas que influenciam a recepção). Essas diferentes fontes precisam ser levadas em conta quando se analisa a produção de significado na recepção de produtos audiovisuais.

Ressaltamos a relevância do olhar atento às “fontes de mediação”, como se refere a autora, quando se deseja verificar produções de sentido no cotidiano. Especificamente em pesquisas com crianças, entendemos que as mediações *individual*, *situacional* e *tecnológica*, descritas por Duarte, coabitam sobretudo nos ambientes escolar e familiar, por isso a relevância de se analisar tais “lugares” a partir da fala das crianças. Destacamos que, em relação à mediação *tecnológica*, mesmo que não haja diretamente inserção de tecnologias da informação e da comunicação na escola, pode-se afirmar que o tema é presente no cotidiano escolar, devido, principalmente, à proliferação de mensagens sobre questões e mecanismos tecnológicos na Contemporaneidade.

Contexto e Metodologia

Realizamos uma pesquisa de campo com um grupo de alunos do primeiro ciclo do Ensino Fundamental de uma escola pública de Nova Friburgo, Região Serrana do estado

Mediação familiar no processo de assistência infantil de meios audiovisuais: pesquisa de campo com alunos do ensino público do interior do Rio de Janeiro

do Rio de Janeiro. A pesquisa foi realizada na própria escola, em duas etapas, durante o ano letivo de 2017, quando foram ouvidos 48 alunos do 3º ano do Ensino Fundamental.

Na primeira etapa, foram realizadas entrevistas individuais com as criançasⁱⁱ, abordando temas como seus hábitos e preferências, o uso de suportes móveis (celular, tablet, notebook) para assistir conteúdos audiovisuais e a relação destes conteúdos com o consumo de produtos ligados a eles. O objetivo principal era mapear a relação das crianças com os meios de comunicação e com as narrativas audiovisuais assistidas. O corpus desta fase da pesquisa corresponde a cerca de um terço do universo total de alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental desta escola. Por serem entrevistas individuais, foi possível anotar as respostas das crianças no momento das entrevistas, na medida em que elas iam respondendo aos questionamentos. Cada entrevista durou, em média, cerca de dez minutos. Esta etapa foi realizada em dois dias e teve como principal material produzido uma planilha de respostas de todas as crianças, documento que serviu como base para a análise.

Já na segunda etapa foram realizadas atividades de grupo com algumas criançasⁱⁱⁱ, o que nos permitiu verificar características da produção de sentidos do grupo, além de questões relacionadas às mediações. Dez alunos, dentre os entrevistados na primeira etapa, foram selecionados aleatoriamente e divididos em dois grupos de cinco crianças – seis meninas e quatro meninos, sendo que em cada grupo havia três meninas e dois meninos. O principal objetivo, nesta fase, era verificar a produção de sentidos das crianças a partir de conteúdos audiovisuais mencionados por elas mesmas na primeira etapa da pesquisa – momento em que foram entrevistadas para que se criasse uma espécie de pesquisa de audiência. Além disso, buscava-se também, aprofundar pontos levantados nas entrevistas individuais.

Desta vez foram realizados dois encontros, um com cada grupo, em uma tarde. As conversas foram gravadas em áudio, com a ciência das crianças. O conteúdo dos áudios foi transcrito para um arquivo de texto no mesmo dia em que as atividades foram realizadas, para minimizar a perda de informação com o passar do tempo. O resultado foi uma decupagem^{iv} de 23 laudas, contendo todas as falas das crianças e da pesquisadora, material que foi analisado a partir de três perspectivas: mediações, produção de sentidos

e Educação Crítica para as Mídias. A perspectiva mediações se subdividiu em outros três subitens de análise, a partir dos quais filtramos os insumos para este artigo, que contempla especificamente a mediação familiar.

Vale reforçar que a realização desta pesquisa foi formalmente autorizada pela Direção da Escola, conforme orientação obtida nas Secretarias de Educação e de Ciência e Tecnologia do município. A escolha pela escola pública foi direcionada pelo fato de retratar a realidade de grande parte do Brasil, já que, segundo o Censo Escolar 2016 (INEP, 2017), apenas 18% dos alunos do Ensino Fundamental do país estavam matriculados em escolas particulares em 2016.

Para a realização da pesquisa de campo, delimitamos a faixa etária de 8-9 anos de idade, alunos do 3º ano do Ensino Fundamental. A escolha foi orientada, primeiramente, pelos estudos de Freitas (2005) sobre Vygotsky, autor que reforça a relevância da interação social no desenvolvimento do ser humano. Para Vygotsky, o nível de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades de uma criança deve ser avaliado de acordo com sua capacidade de realizar atividades por meio da troca em grupo. Como destaca Freitas,

A aprendizagem, para Vigotski (1984), só se produz quando os signos, símbolos e padrões do companheiro de interação são incorporados pela criança em função de seu grau de desenvolvimento prévio. A isso ele acrescenta a importância do desenvolvimento potencial ou proximal. Através de seu conceito de zona de desenvolvimento proximal, Vigotski mostra que não basta estabelecer o nível evolutivo em termos de tarefas ou atividades que uma criança é capaz de realizar sozinha, mas que é preciso determinar o que é capaz de fazer com a ajuda dos outros. As pessoas que interagem com a criança não são objetos passivos ou simples juízes do seu desenvolvimento, mas companheiros ativos que guiam, planejam e orientam as suas condutas: são agentes de seu desenvolvimento. (FREITAS, 2005, p. 307)

Optamos por este recorte de faixa etária porque entendemos que, ao desenvolver a capacidade de abstração e passando a se enxergar como parte de um todo, onde há regras e situações que ultrapassam os comportamentos de seu meio social – valorizados na primeira infância –, a criança consegue ter um olhar mais crítico em relação às mensagens que recebe, inclusive por meio da mídia. Como explica Belloni (2007, p. 67), em relação à socialização na infância,

[...] num segundo momento da infância, a socialização vai tornar a criança capaz de se integrar num jogo enquadrado por regras exteriores e explícitas (jogos de equipe, jogos de salão, etc.) que são objetivadas. O processo de socialização conduz, pois, a uma abstração cada vez maior da relação da criança com a regra. É importante ressaltar que, enquanto no primeiro momento a interação se

Mediação familiar no processo de assistência infantil de meios audiovisuais: pesquisa de campo com alunos do ensino público do interior do Rio de Janeiro

construía em bases interpessoais, agora as condutas se orientam em função das expectativas de um “outro generalizado”, impessoal. Também é fundamental notar que a importância do jogo revela claramente que a socialização não se baseia unicamente em mecanismos institucionais.

Em relação à classe social, como foram entrevistadas apenas as crianças e não houve perguntas direcionadas especificamente à definição de classe ou renda, nossa observação foi feita tendo por base a análise da profissão dos pais e dos bairros onde moram – de acordo com as informações passadas pelas próprias crianças. Tais dados nos permitiram inferir que se trata, em sua maioria, de famílias de renda baixa. Entre as informações coletadas, destacamos que cerca de 63% das mães citadas trabalham como costureiras em confecções de moda íntima^v e 17% das crianças não mencionaram a figura paterna como parte do ambiente familiar, o que permite supor que, em alguns casos, há apenas uma fonte de renda na família.

Cientes de que os relatos das crianças podem não refletir a realidade de todos os entrevistados, porém, para fins acadêmicos, considerando a observação acima relatada sobre a predominância de famílias de baixa renda neste grupo, pode-se supor que, nesse caso específico, o consumo não tem relações fortes com o poder de compra. Avaliamos que o consumo neste grupo aparece como possibilitador de determinado sentimento ou sensação e como resposta das crianças aos estímulos da publicidade – sobretudo àqueles presentes nos conteúdos audiovisuais aos quais têm acesso, seja pela televisão ou pela Internet.

Para concluir, percebemos que essas crianças assistem a diversos tipos e formatos de conteúdos audiovisuais cotidianamente – sejam eles direcionados ao público infantil ou não. Verificamos também que, em muitos casos, elas estão desacompanhadas no momento da assistência, ou, ainda, acompanhadas de irmãos, primos ou outras crianças. Notamos, além disso, que esse processo de assistência é híbrido: uma mistura de diferentes telas, não necessariamente de forma simultânea, mas que são usadas de forma complementar e, em determinados momentos, para assistir o mesmo conteúdo. Nesse processo, a TV é apenas uma das plataformas por onde os conteúdos audiovisuais são assistidos. Celulares, computadores e *tablets* também foram citados como suportes

para assistência de tais conteúdos. Observamos que, para as crianças, o conteúdo tem mais relevância do que a tela por onde se assiste.

Aqui, vale destacar que, assim como no cenário geral do Brasil, em que a TV ainda é a principal fonte de informação da população, conforme revelaram dados de pesquisa do Governo Federal (2016), entre as crianças entrevistadas em nossa pesquisa também foi verificada a predominância da televisão enquanto principal meio de comunicação no cotidiano: todas as crianças do grupo afirmaram ter acesso à TV em casa e assistir diariamente conteúdos variados neste suporte. Tal dado derruba, de certo modo, a ideia bastante compartilhada pelo senso comum de que as pessoas estariam deixando de assistir TV. Entendemos, a partir dessas informações, que a audiência de conteúdos midiáticos tem sido partilhada em suportes e telas diferentes, o que não significa, pelo menos até o momento atual, um abandono da televisão. Muito pelo contrário, ela continua tendo destaque no cotidiano dos lares das crianças entrevistadas, ainda sendo motivo de reunião da família, conforme revelaram relatos de algumas delas.

É possível que a relevância da TV no cotidiano dessas crianças tenha a ver com sua classe social, já que 10% delas afirmaram ainda não ter acesso à Internet em casa, restando a televisão como meio garantido de acesso à informação e lazer. Contudo, tendemos a acreditar que se trata mais de um aspecto cultural, que ainda concede à TV maior credibilidade quanto às informações divulgadas, além ser de mais fácil acesso à população como um todo, não sendo necessária conexão com alguma rede específica ou pagamento de algum tipo de pacote para assistir os canais básicos da TV aberta.

Em relação à metodologia escolhida, levando em conta a necessidade de ouvir a voz das crianças em pesquisas acadêmicas que tratem sobre infância, sobretudo no campo da Comunicação, concordamos com Duarte (2008, p. 22), quando definiu sua metodologia para pesquisa sobre a relação das crianças com a televisão,

No que diz respeito à metodologia de pesquisa, entendemos que a melhor forma de investigar as relações que os televidentes estabelecem com a produção audiovisual é perguntando a eles o que pensam sobre o que veem.

Assim, assumindo o protagonismo da fala das crianças na busca de apontamentos para nossas hipóteses, o desenvolvimento da pesquisa de campo teve como base a metodologia de Observação Participante que, como define Cruz Neto (1994, p. 59), “[...] se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para

Mediação familiar no processo de assistência infantil de meios audiovisuais: pesquisa de campo com alunos do ensino público do interior do Rio de Janeiro

obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos”. A escolha deste método se justifica pela necessidade de ouvir das próprias crianças suas preferências em relação aos conteúdos audiovisuais, bem como suas percepções e produções de sentidos a partir destes conteúdos.

Na primeira subetapa da pesquisa de campo, realizada em junho de 2017 na escola, construímos um primeiro panorama do perfil de audiência das crianças e as formas como elas lidam com a mídia. Esta abordagem também foi relevante para identificar peculiaridades do grupo estudado e da escola, além de criar aproximação da pesquisadora com o ambiente escolar em que a pesquisa estava inserida.

Para a construção desse panorama, foram realizadas entrevistas estruturadas com os alunos de duas turmas do 3º ano do Ensino Fundamental. Este modelo de entrevista foi escolhido por possibilitar “o tratamento quantitativo” e “a análise estatística” dos dados (*Ibid.*, p. 113), necessários nesta primeira abordagem na escola, em que era preciso mapear as características e preferências da audiência audiovisual das crianças. Como principais resultados, destacamos que todas as crianças entrevistadas disseram assistir TV e que cerca de 75% afirmaram assistir a conteúdos audiovisuais na TV e na Internet, em suportes como celular, *tablet* ou computador. Além disso, aproximadamente 17% comentaram que assistem ao mesmo conteúdo ora na TV, ora na Internet. Acreditamos que este número provavelmente é maior, dada a possibilidade de acesso aos conteúdos por meio de diversas plataformas, porém estamos indicando o número de crianças que abertamente confessaram que assistem ao mesmo conteúdo em ambos os suportes. Também verificamos que apenas cerca de 10% das crianças entrevistadas (cinco crianças) não têm acesso à Internet em casa, sendo, portanto, o hábito de acessar a rede uma prática diária da maioria dos entrevistados (43 crianças).

A segunda subetapa da pesquisa de campo, realizada em dezembro de 2017, contou com a realização de atividades com dois grupos de cinco crianças, selecionadas aleatoriamente dentre as 48 ouvidas de forma individual em junho. Esta incluiu exibição de vídeos citados pelas crianças nas entrevistas da primeira subetapa, sendo “Chiquititas”, “Balanço Geral” e “*Minecraft*”, além de entrevistas conjuntas do tipo focalizadas, formato em que, como definem Marconi e Lakatos (2010, p. 180):

[...] há um roteiro de tópicos relativos aos problemas que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal.

Os três vídeos foram selecionados levando em conta a diversidade dos formatos e temáticas abordadas e, além disso, as plataformas utilizadas para assisti-los. Por meio das entrevistas focalizadas, buscamos verificar principalmente quais eram as mediações envolvidas no processo de assistência dos meios.

Importante declarar os limites deste percurso metodológico. Ao utilizar as informações advindas das entrevistas realizadas com crianças, admitimos que as respostas representem a opinião dos entrevistados e que, por isso, podem ser, de alguma forma, superficiais ou contraditórias.

Vale esclarecer que as considerações ou percepções resultantes desta pesquisa não almejam estabelecer um padrão de audiência da infância contemporânea e nem mesmo um perfil da produção de sentidos das crianças brasileiras desta faixa etária a partir dos conteúdos midiáticos audiovisuais. Aliás, compartilhamos da ideia de Fernandes (2012, p. 39), de que as peculiaridades sociais e culturais não nos permitem falar de uma infância, mas sim de “infâncias”, dadas as características próprias de cada época, momento histórico, lugar ou classe social, por exemplo.

A infância muda e se forma de acordo com a cultura em que está inserida, e a forma como a criança lida com o conhecimento é cultural. [...] É através da cultura que se constroem as produções de sentido dos receptores, produção social que se dá na instituição, na situação e nos grupos. Resgatar o lugar da mediação é resgatar também o lugar da cultura, o lugar da identidade daquele grupo.

Portanto, o que se pretende com este artigo é mostrar características próprias desse grupo específico de crianças e relacioná-las a um viés teórico, como forma de colaborar principalmente com os estudos sobre produção de sentidos na infância já desenvolvidos no país. É importante deixar claro, também, que nossas considerações visam ser apenas uma das possibilidades de análise desse grupo, deixando abertas outras formas de se olhar a produção de sentidos das crianças a partir do que assistem.

Audiência infantil dos meios de comunicação: um breve cenário

Quando olhamos a audiência infantil, especificamente, notamos que as crianças brasileiras ainda passam muito tempo em frente à TV. De acordo com dados do Kantar Ibope Media (2016^{vi}), o tempo médio que crianças de quatro a 11 anos dedicam à TV

Mediação familiar no processo de assistência infantil de meios audiovisuais: pesquisa de campo com alunos do ensino público do interior do Rio de Janeiro

cresceu 2,9% de 2015 para 2016. Além disso, segundo dados também do Kantar Ibope Media^{vii} do ano anterior, quando estabeleceram uma linha de comparação de dez anos, o tempo médio que as crianças passam em frente à televisão tem aumentado: enquanto em 2004 passavam 4h43 do seu dia assistindo TV, em 2014 esse número cresceu para 5h35.

É importante ressaltar, entretanto, que, com o avanço das tecnologias de comunicação, o acesso a conteúdos audiovisuais tem se ampliado para outros suportes além da televisão. Na Contemporaneidade, o processo de assistência, em geral, não se dá mais exclusivamente por meio da TV, mas é complementado por outros aparelhos, como celulares, computadores e *tablets*, se tornando, inclusive, “multi-plataforma” em alguns momentos.

Segundo dados da pesquisa TIC Kids 2016 (CETIC.BR, 2016), naquele ano havia 24,3 milhões de crianças e adolescentes com acesso à Internet no Brasil, o que representava cerca de 80% da população do país entre 9 e 17 anos de idade. Importante ressaltar o cenário desigual por detrás desses dados: em 2016, 86% das crianças moradoras de áreas urbanas eram usuárias de Internet, enquanto apenas 65% das residentes em áreas rurais tinham acesso à rede. Além disso, 98% das crianças de família de classe AB acessavam a Internet em 2016, enquanto nas famílias de classes DE essa proporção era de 66%. Por outro lado, a pesquisa mostra que, em 2016, cerca de 10% da população entre 9 e 17 anos de idade nunca havia acessado a rede, o que corresponde a cerca de 2,9 milhões de crianças.

Já em relação aos dispositivos utilizados, a pesquisa mostra que os equipamentos móveis seguem sendo os principais meios de acesso à Internet pelo público infanto-juvenil: 91% do total de crianças com acesso à Internet no país acessaram a rede por meio de telefone celular em 2016.

Pode-se ratificar, portanto, de acordo com os dados apresentados, que a assistência a conteúdos audiovisuais por crianças brasileiras tem sofrido um processo de mudança nos últimos anos, marcado pelo avanço das tecnologias de comunicação e pela expansão do acesso à Internet. Entendemos que não se trata de um processo de transição que abandona a TV e dá aos novos suportes a exclusividade na assistência

desses conteúdos. Mas acreditamos, com base nas análises feitas a partir das pesquisas, que se trata de um processo de complementaridade de plataformas e, em alguns casos, inclusive, assistência simultânea em diferentes suportes. Importante ressaltar também que tais dados não devem ser generalizados, pois sabe-se que uma parcela da população brasileira ainda não tem acesso à Internet e a equipamentos tecnológicos.

É preciso, portanto, levar em conta o crescimento das tecnologias na sociedade contemporânea, estando sempre alertas para não as tratar como peças principais do jogo, mas como participantes em um cenário mais amplo e complexo.

Mediações

De acordo com Orozco Gómez (2014), as mediações são parte de todo processo de produção de sentido, já que, como seres sociais, os indivíduos elaboram e constroem suas percepções a partir de uma combinação particular de informações vindas de pessoas, instituições e grupos diferentes – que constituem as mediações. É com esta ideia de mediação como “lugares de onde os sentidos derivam” que trabalhamos nesta pesquisa.

Importante pontuar também nosso entendimento sobre os processos de recepção dos conteúdos midiáticos, nos quais estão inseridas as mediações. Concordamos com Fernandes (2012, p. 29) quando afirma que a “recepção deve ser entendida como um contraditório espaço de trocas em que o receptor é ativo interagindo, interpretando e reelaborando as informações e imagens”. Assim, acreditamos nesse processo como um fluxo intenso em via de mão-dupla: a audiência assiste ao conteúdo e também produz a partir dele, compartilha, ressignifica, age de diversas maneiras enquanto parte atuante nessa viagem repleta de avenidas.

Destacamos, portanto, a mediação familiar como base para as análises neste artigo. Ressaltamos que diversas outras mediações atuam simultaneamente nos processos comunicacionais. O que fizemos foi identificar, para fins heurísticos, o aparecimento da mediação familiar e analisá-la em diferentes contextos, como veremos a seguir.

Para Martín-Barbero (1997, p. 293), o ambiente familiar caracteriza-se por ser “âmbito de conflitos e fortes tensões” e, ao mesmo tempo, “um dos poucos lugares onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram alguma possibilidade

Mediação familiar no processo de assistência infantil de meios audiovisuais: pesquisa de campo com alunos do ensino público do interior do Rio de Janeiro

de manifestar suas ânsias e frustrações”. Trata-se, portanto, de ambiente por onde se movimentam discordâncias, harmonias e cruzamento de informações e, como reforça o autor, lugar onde, em geral, o sujeito encontra espaço para se manifestar tal qual o é.

A família é, portanto, além de espaço relevante de socialização da criança, também importante ambiente de produção de sentidos. É o meio por onde o mundo começa a ter significados. Para Bryce e Leichter (1983, p. 310), ao discutirem as relações entre família e televisão, o “conceito de mediação nos permite reposicionar a questão usual – Como a televisão afeta a família? – por uma menos global: como a organização e a interação de determinada família molda a experiência de seus membros com a televisão?” [Tradução Livre]^{viii}.

Ao analisarem a mediação familiar no uso de tecnologias da comunicação, Belloni e Gomes (2008, p. 727) destacam a interação entre sujeitos da mesma família e que ocupam funções sociais diferentes.

A análise de estudos e pesquisas (inclusive as nossas) nos leva a acreditar que a interação entre pares e com adultos, em situações favoráveis e inovadoras de aprendizagem e com uso pedagógico apropriado das TIC, pode levar as crianças em geral e, em especial, aquelas menos favorecidas, a desenvolver comportamentos colaborativos e autônomos de aprendizagem, altamente eficazes e benéficos para seu desenvolvimento intelectual.

Porém, se Belloni e Gomes trazem um exemplo de interações efetivas entre membros da família no contexto da relação com a mídia, sugerindo, inclusive, o desenvolvimento de comportamentos benéficos para o crescimento intelectual das crianças a partir desse contato, é preciso lembrar que nem sempre as mediações familiares atuam dessa maneira: elas podem atuar de forma mista, variando do “extremamente ativa” ao “raramente atuante” – o que não significa inexistente.

Em seus estudos sobre recepção televisiva, Orozco Gómez (2014) definiu a família enquanto grupo de interlocução e a inseriu no que ele denominou processos de recepção televisivas de primeira e segunda ordens. Como processo de primeira ordem, o autor define as ações que acontecem em contato com a tela, suscetíveis a mediações situacionais e, também, resultantes de decisões e/ou opiniões prévias. Já as recepções de segunda ordem, que ocorrem em um momento posterior àquele em que se assiste TV,

incluem ações de compartilhamento, ressignificação e evocação mental/recordação das informações assistidas.

Extrapolando os conceitos de Orozco Gómez para outras telas além da tela da TV, podemos considerar que também há processos de primeira e segunda ordens na assistência de conteúdos em outros suportes. Independentemente da plataforma, é correto afirmar que há produção de sentidos, interpretação e ressignificação tanto durante o momento de assistência do conteúdo quanto depois de seu consumo.

Assim, entendemos que a mediação familiar pode se mostrar presente no momento da assistência ou no pós-assistência. Além disso, as mediações podem ocorrer em apenas um dos momentos, mas serem evocadas em outro – por meio da recordação de mensagens recebidas durante a exibição de um conteúdo, por exemplo, em um momento posterior de discussão sobre elas, por exemplo.

Encontramos diferentes indícios de mediação familiar em comentários feitos pelas crianças ao longo das atividades. Respostas como as de Juan^{ix} (9 anos) e Elton (11 anos), mostram formas diversas de presença dos familiares durante o processo de assistência dos conteúdos.

Pesquisadora: Juan, você assiste Balanço Geral?

Juan: Sim, só de vez em quando com a minha mãe... porque minha mãe sai cedo pra ir trabalhar, aí eu vou pra casa da minha avó, aí ela fica assistindo de vez em quando lá e eu assisto com ela...

Pesquisadora: Elton, o que você assiste na Internet?

Elton: Trailer de filme de carro no YouTube, Carros 3... o filme inteiro vai dar no cinema!

Pesquisadora: Você assiste sozinho ou com mais alguém?

Elton: Sozinho, meu pai fica mexendo no celular.

A partir dos dois diálogos é possível identificar a presença de familiares nas cenas relatadas pelas crianças. Porém, enquanto o comentário de Juan dá conta de uma assistência compartilhada (com a mãe ou com a avó), no mesmo aparelho e no mesmo cômodo da casa, inclusive, o comentário de Elton mostra um distanciamento maior do responsável em relação ao que ele assiste. É claro que não podemos comparar os dois casos. Primeiramente porque não sabemos mais detalhes do contexto de cada processo

Mediação familiar no processo de assistência infantil de meios audiovisuais: pesquisa de campo com alunos do ensino público do interior do Rio de Janeiro

de assistência. E, além disso, porque se tratam de conteúdos diferentes, vistos em plataformas também diferentes. Importante ressaltar que mencionamos os diálogos de Juan e Elton não como forma de afirmar que há sempre mediação direta em assistências de TV ou que isso não ocorre quando se fala de conteúdo de Internet. Mas sim como forma de exemplificar formas diferentes de mediação relatadas pelas crianças.

Para o caso de Elton, cujo pai está no mesmo ambiente durante o período da assistência, mas está “mexendo no celular”, entendemos que há uma mediação que está presente apenas fisicamente, já que se encontra distante no sentido de participar daquele momento. Chamaremos este tipo de mediação de *mediação in absentia*, por entender que a presença do familiar – no caso de Elton, do pai – não é nula, dada sua existência física no ambiente, mas é ausente, por estar focada em outra ação que não a assistência do filho.

Ao questionar as crianças sobre como seriam as notícias caso fossem elas mesmas as responsáveis pelos noticiários a que assistem, Antônia (9 anos) respondeu:

Antônia: *Eu colocaria que, tipo assim, que as pessoas podiam ser muito destratadas (sic.) [...] e também o que sempre foi passado quando nossas mães nasceram, e tudo o que possa ter na frente.*

Pesquisadora: *E você vê isso nos jornais que você assiste?*

Antônia: *Tem vez que (sic.) eu vejo jornal, quando eu tô com meu avô, que eu vejo.*

Na primeira fala de Antônia, podemos identificar a mediação familiar de forma indireta. Quando ela comenta que os noticiários poderiam exibir “o que sempre foi passado quando nossas mães nasceram”, parece claro um tom nostálgico que não poderia vir da própria Antônia, já que ela não teve acesso a todos esses conteúdos, por não serem de sua época. A fala da menina leva a crer que a mediação familiar estabelecida é majoritariamente promotora de mensagens que valoram os conteúdos “antigos” em detrimento dos que as crianças têm acesso atualmente. Nesse caso, entendemos que a mediação foi evocada, por lembrança, em um momento diferente

daquele em que ela ocorreu, e ressignificada pela menina ao ser questionada durante a atividade.

Em uma das falas de Otávio (12 anos), identificamos um exemplo de mediação direta, ocorrida no momento da assistência, na recepção de primeira ordem, conforme definiu Orozco Gómez.

Otávio: Às vezes meu pai me ensina o que deve fazer e o que não fazer, o que mostra na reportagem.

Pesquisadora: Aí ele te mostra na reportagem o que é pra fazer e o que não é pra fazer?

Otávio: É!

Pesquisadora: E você concorda?

Otávio: Sim.

Pesquisadora: E o que ele mostra que não é legal?

Otávio: Ah, assim, é... você tá (sic) matando, roubando, essas coisas, pegando o que não pertence, você fazer a pessoa triste, assim...

No trecho citado acima, percebemos também o uso dos meios de comunicação como ferramenta pedagógica pelos pais. O que nos parece é que o pai de Otávio, ao se deparar com notícias sobre temas classificados por ele como negativos, usou do exemplo visto na TV para orientar o filho de acordo com seus valores.

Ao revisarem estudos sobre o papel da família na mediação entre as crianças e a TV, Bryce e Leichter (1983) analisaram o que consideraram os dois principais rumos tomados pelas pesquisas na área no período. O primeiro, de acordo com os autores, era baseado na ideia de que a intervenção verbal de um adulto pode reforçar o aprendizado a partir da televisão. Já o segundo questionava se, de fato, ocorrem interações educacionais em relação à TV no ambiente familiar. Ao comentar sobre uma das pesquisas estudadas, verificaram que os autores reconhecem a variedade das interações entre pais e filhos, pois “Eles reconhecem que a mediação familiar não é sempre verbal, explícita e instigada pelo responsável, mas pode ser, ao contrário, comportamental, implícita e instigada por outros membros da família”^x (*Ibid.*, p. 313) [Tradução Livre].

Assim, podemos citar também os comentários de Cassiana (9 anos) e Ludmila (9 anos), quando questionadas se assistiam a programas de notícias, no estilo do Balanço

Mediação familiar no processo de assistência infantil de meios audiovisuais: pesquisa de campo com alunos do ensino público do interior do Rio de Janeiro

Geral, que haviam acabado de assistir e, em caso positivo, se gostavam do que viam nos programas desse tipo. O que destacamos abaixo, nas falas delas, parece trazer recortes de uma mediação que pode ter sido explícita na recepção de primeira ordem, mas que se tornou implícita no discurso das meninas e que carrega valores provavelmente transmitidos por familiares ou mesmo pela escola.

Cassiana: *Eu gosto, assim... é porque ali tá tudo que tá acontecendo ali no mundo, né? Exemplo, é... tá falando sobre o que tá acontecendo aí, sobre os bandidos, a política, aí é bom saber.*

Ludmila: *Eu gosto da parte que fala que não podemos roubar, matar...*

Cassiana destaca que “é bom saber”, evocando provavelmente uma orientação recebida por alguma fonte de mediação de que é preciso estar atenta às notícias e ao que está “acontecendo ali no mundo”. Já Ludmila parece recordar de alguma orientação recebida ao assistir notícias de cunho negativo, o que revela também uma mediação prévia trazida para o momento da discussão por meio de lembrança, além de demonstrar um possível uso pedagógico da mídia por parte da família ou ainda uma ressignificação e/ou apropriação de mensagens transmitidas pelos apresentadores dos noticiários. Importante destacar que boa parte dos noticiários de TV no estilo do Balanço Geral traz discursos de cunho opinativo e, muitas vezes, comentários de caráter instrutivo, o que nos leva a compreender o comentário de Ludmila, afirmando que o que mais lhe agrada é o momento em que há um tipo de orientação sobre o que não deve ser feito – “parte que fala que não podemos roubar, matar...”.

Ao comentarem sobre a atuação da mídia como transmissora de valores, Duarte, Migliora e Leite (2008, p. 103) relativizam seu poder, contrapondo com a força da capacidade de criação e ressignificação do sujeito nos momentos vários de recepção.

Em sociedades como a nossa, as mídias atuam como campo de problematização moral, participando da construção e veiculação de guias de valor [...]. No entanto, ao contrário do que se pensa, a atuação das mídias nesse processo não é mais poderosa do que a dos demais espaços de mesma natureza, pois, embora sejam apresentados de forma mais atraente e sedutora, os guias de valor veiculados em narrativas televisivas (ficcionais ou não) são os mesmos que circulam pelas demais instâncias da sociedade. Além disso, guias de valor refletem uma cultura moral e global coerente, mas nunca homogênea, pois

trata-se de “uma cultura que permite usar de modo singularizado alguns de seus elementos e recusar outros”.

Dessa forma, destacam-se ainda mais as produções e criações envolvidas nos processos de recepção, marcados pela existência de mediações de fontes e tempos variados. Como ressalta Fernandes (2012, p. 20), “[...] as práticas cotidianas e o espaço doméstico são também espaço de produção de sentido e que nem todo consumo é interiorização dos valores da classe dominante, efeito de uma inculcação”. Há interpretação, ressignificação e construção de sentidos variados a partir dos mesmos conteúdos. E a construção desses sentidos está vinculada também às mediações existentes no processo de comunicação.

Ainda podemos verificar, no diálogo abaixo, ocorrido após a exibição da cena de Chiquititas, que a mediação familiar nem sempre é hierárquica, atuando não apenas de forma unidirecional, de adultos para crianças, mas também entre atores de um mesmo “nível” no processo de comunicação. Na fala de Maria Rita (10 anos), por exemplo, podemos perceber que ela e o irmão conversam sobre o que assistem e, nessas situações, a menina inclusive se coloca como especialista no assunto, explicando o que ele não entende, já que ele “é pequeno”.

Maria Rita: Eu converso com o meu irmão, mas às vezes a gente não concorda não.

Pesquisadora: Por que?

Maria Rita: Porque ele é pequeno e eu sou grande.

Pesquisadora: E você explica pra ele o que tá acontecendo?

Maria Rita: Aham...

Pesquisadora: E ele gosta de assistir?

Maria Rita: Sim!

O “papel de especialista” pode ser verificado também na fala de Joaquim (10 anos), quando questionado sobre a existência e o conteúdo dos diálogos sobre os programas assistidos em sua casa.

Joaquim: Minha irmã conversa com minha mãe sobre a novela. Elas comentam que ‘eles não conseguem fazer novela direito’. Ontem mesmo o celular estava de cabeça pra baixo, minha irmã viu isso.

Mediação familiar no processo de assistência infantil de meios audiovisuais: pesquisa de campo com alunos do ensino público do interior do Rio de Janeiro

A partir de comentários como estes, é possível identificar a capacidade de análise das crianças, que, como descrevem Fernandes e Alves (2008, p. 62), tratam-se, “sem dúvida, de produtores de cultura, que pensam, refletem e constroem opiniões a respeito do que veem”.

Para concluir as análises sobre a mediação familiar, conseguimos verificar, no diálogo transcrito abaixo, um exemplo de mediação em que a atitude dos pais nos parece ser restritiva em relação a determinados conteúdos.

Téo: *A Praça é Nossa também é maneiro...*

Antônia: *Eu não vejo, minha mãe não deixa...*

Luzia: *Fala muita coisa boba...*

Não foi possível analisar se a atitude dos pais veio acompanhada de informações sobre os motivos que levam a mãe a restringir o conteúdo. Porém, a partir da fala de Luzia (9 anos), identificamos que “muita coisa boba” pode ser uma das mensagens recebidas em casa em relação ao programa. Vale ressaltar que a classificação indicativa de A Praça é Nossa^{xi} é de 14 anos.

Considerações Finais

Antes de relatar nossas principais reflexões, julgamos necessário lembrar que este artigo retrata nosso ponto de vista, enquanto pesquisadores, a partir da observação e da troca com um grupo de crianças, alunos de uma escola pública municipal do interior do estado do Rio de Janeiro. Não desejamos estabelecer, com este trabalho, parâmetros ou características que possam ser atribuídos a todas as crianças desta geração, nem mesmo a todos os alunos de escolas públicas ou ainda a todas as crianças do estado do Rio. Para a pesquisa, consideramos aspectos específicos deste grupo, bem como do lugar e do contexto social em que as crianças estão inseridas, além de características próprias da Contemporaneidade. E, por isso, os resultados aqui apresentados revelam aspectos próprios desse grupo. É claro que as considerações e aprendizados a partir desta

pesquisa podem balizar reflexões sobre as relações de outras crianças com as mídias atualmente – desde que se considere, porém, as especificidades acima relatadas.

Durante nosso percurso de análise, percebemos que essas crianças assistem a diversos tipos e formatos de conteúdos audiovisuais cotidianamente – sejam eles direcionados ao público infantil ou não. Verificamos também que, em muitos casos, elas estão desacompanhadas no momento da assistência, ou, ainda, acompanhadas de irmãos, primos ou outras crianças. Notamos, além disso, que esse processo de assistência é híbrido: uma mistura de diferentes telas, não necessariamente de forma simultânea, mas que são usadas de forma complementar e, em determinados momentos, para assistir o mesmo conteúdo. Nesse processo, a TV é apenas uma das plataformas por onde os conteúdos audiovisuais são assistidos. Celulares, computadores e tablets também foram citados como suportes para assistência. Observamos que, para as crianças, o conteúdo tem mais relevância do que a tela por onde se assiste. Como ressaltam Farbiarz, Farbiarz e Nojima (2003, p. 1),

A atualidade apresenta uma situação singular: a apregoada extinção de um suporte material e a sua substituição por um não-suporte revelou-se, na realidade, a substituição por uma variedade de suportes tecnológicos que promovem simultaneamente abruptas distinções e homogeneizações nos textos e nos leitores. Os novos suportes digitais apresentam diversas formas e usos [...].

Também verificamos, por meio das entrevistas, das observações e das análises teóricas, que as crianças produzem sentido de forma diversa e criativa, extrapolando, muitas vezes, o determinismo do pensamento adulto baseado no senso comum. Não estamos afirmando aqui que o processo de produção de sentidos dessas crianças é sempre altamente criativo: há também incorporação e aceitação de algumas ideias ou mensagens pretendidas pelos produtores de conteúdos. Ou ainda, como destacam Farbiarz, Farbiarz e Nojima, há “abruptas distinções e homogeneizações nos textos e nos leitores”. O processo comunicativo, por seu caráter dialógico, é também contraditório e admite distinções e homogeneizações. Assim, entendemos que os processos de produção de sentidos pelas crianças são sociais e coletivos (marcados por diversas mediações), além de polissêmicos.

Por meio de nossas observações na pesquisa de campo, notamos que os processos comunicativos das crianças são multimediados e, neste artigo, destacamos a mediação familiar, bem como exemplos do seu surgimento nos discursos das crianças

Mediação familiar no processo de assistência infantil de meios audiovisuais: pesquisa de campo com alunos do ensino público do interior do Rio de Janeiro

sobre seus processos de assistência de conteúdos audiovisuais. Vale destacar que trabalhamos com o conceito de mediação de Orozco Gómez (2014), que entende os processos comunicativos a partir de uma combinação de informações vindas de pessoas, instituições e grupos diferentes. Observamos, além disso, a característica social dos processos comunicacionais das crianças, não só dos que envolvem a mídia. Entendemos a relevância das relações sociais em todas as etapas do desenvolvimento infantil, e o destaque dado às mediações nesta pesquisa corrobora essa questão.

Dessa forma, concluímos, na certeza de que ficam, ao final da leitura, mais perguntas do que respostas. Esperamos, porém, ter contribuído de alguma maneira para as discussões sobre a produção de sentidos na infância a partir de conteúdos audiovisuais na esfera acadêmica, valorizando, como reforça Barros (2012, p. 82), “a dimensão humana da comunicação, tomando o ser humano como sujeito do processo; e não, como mero objeto ou peça da engrenagem”.

Referências

BARROS, Laan Mendes. Recepção, mediação e midiaticização: conexões entre teorias europeias e latino-americanas. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs). **Mediação e Midiaticização**. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO_repositorio.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2018.

BELLONI, Maria Luiza. Infância, mídias e educação: revisitando o conceito de socialização. In: **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 57-82, jan./jun./2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/1629/1370>>. Acesso em: 21 out. 2017.

_____; GOMES, N. G. Infância, mídias e aprendizagem: autodidaxia e colaboração. **Revista Educação e Sociedade**. v. 29, n. 104. Campinas, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0529104.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2017.

BRYCE, Jennifer W.; LEICHTER, Hope Jensen. The family and television. Forms of mediation. **Journal of Family Issues**, v. 4, n. 2, jun. 1983. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/019251383004002004>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

CETIC.BR. **TIC Kids Online Brasil**, 2016. Disponível em: <http://cetic.br/media/analises/tic_kids_online_brasil_2016_coletiva_de_imprensa.pdf> Acesso em: 03 out. 2017.

DUARTE, Rosália (Org.) **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____; MIGLIORA, Rita e LEITE, Camila. O que as crianças pensam sobre o que aprendem com a tevê. In: DUARTE, Rosália (Org.). **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez, 2008.

FARBIARZ, Alexandre. FARBIARZ, Jackeline Lima; NOJIMA, Vera Lúcia Moreira dos Santos. **Uma breve história do livro: a semântica do objeto**. In: 2º Congresso da História do Livro e da Leitura no Brasil, 2003, Campinas. Anais do II COHILILE - Congresso da História do Livro e da Leitura no Brasil. Associação de Leitura do Brasil, 2003.

FERNANDES, Adriana Hoffmann. **As crianças e os desenhos animados: mediações nas produções de sentidos**. Rio de Janeiro: Nau, 2012.

_____; ALVES, Dayse. Produção textual, opinião e TV: como as crianças expressam na escrita o que pensam sobre a TV? In: DUARTE, Rosália (Org.). **A televisão pelo olhar das crianças**. São Paulo: Cortez, 2008.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Nos textos de Bakhtin e Vigotski: um encontro possível. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2 ed. Ver. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

GOVERNO FEDERAL, Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa Brasileira de Mídia – 2016**. Empresa Responsável: Ibope Inteligência. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view.>> Acesso em: 18 mar. 2018.

INEP, Censo Escolar 2016. **Notas Estatísticas**. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/apresentacao/2017/apresentacao_censo_escolar_da_educacao_basica_%202016.pdf>. Acesso em: 07 out. 2017.

KELLNER, D.; SHARE, J. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. In: **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v. 29, n. 104 - Especial, p. 687-715, out. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0429104.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

Mediação familiar no processo de assistência infantil de meios audiovisuais: pesquisa de campo com alunos do ensino público do interior do Rio de Janeiro

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. **Educomunicação**. Recepção midiática, aprendizagens e cidadania. São Paulo: Paulinas, 2014.

Notas

ⁱ Processo individual que envolve “interpretação” da mensagem – a partir da convergência de diversas mediações com o repertório pessoal do sujeito – e que resulta na construção de significados.

ⁱⁱ Os pais/responsáveis de todas as crianças entrevistadas assinaram termo de autorização para a realização das entrevistas.

ⁱⁱⁱ Os pais/responsáveis das crianças participantes das atividades assinaram o TLCE para sua participação.

^{iv} Transcrição das falas de cada aluno.

^v O setor de moda íntima é um dos principais setores da economia de Nova Friburgo. O piso salarial de costureira era, em julho de 2016, de cerca de R\$ 1.100,00, de acordo com dados divulgados por um veículo de imprensa [site de notícias locais Nova Friburgo em Foco] a partir de informações do Sindicato dos Vestuários de Nova Friburgo. Não foram encontrados dados mais recentes e nem publicações oficiais sobre o tema no site do sindicato.

^{vi} <https://www.kantaribopemedia.com/conteudo/noticia/>

^{vii} Dados do Painel Nacional de Televisão 2015, do Ibope Média. O painel mostra a evolução do tempo dedicado à TV (canais abertos e fechados, não inclui os programas assistidos sob demanda) por crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos de todas as classes sociais. O tempo foi contabilizado diariamente em 15 regiões metropolitanas do Brasil.

^{viii} *The concept of mediation allows us to replace the usual question – How does television affect the family? – with a less global one: How does the organization and the interaction within a particular family shapes its members’ experience of television?*

^{ix} Optamos por trocar o nome real das crianças por outros nomes, para garantir sua segurança diante da divulgação dos dados contidos na pesquisa. A escolha pelo uso de nomes próprios ao invés de códigos foi a forma encontrada de mostrar o protagonismo que elas têm no trabalho, ressaltando o caráter humano de suas falas.

^x *They acknowledge that family mediation is not always verbal, explicit, and instigated by the parent, but may instead be behavioral, implicit, and instigated by other family members.*

^{xi} A Praça é Nossa é um programa humorístico do canal SBT, exibido nas noites de quinta-feira.

Sobre os Autores

Alexandre Farbiarz

Doutor e Mestre em Design pela PUC-Rio, Mestre em Educação e Linguagem pela USP. Professor do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense e do curso de Graduação em Jornalismo da mesma instituição. Coordenador do grupo de pesquisas educ@midias.com – Educação para as Mídias em Comunicação (PPGMC/UFF), e do grupo de pesquisa DeSSIn - Design na Leitura de Sujeitos e Suportes em Interação (PPGDesign/PUC-Rio). Pesquisador das áreas de: Educomunicação, educação crítica para as mídias, discursos e linguagens, comunicação visual. E-mail: alexandre.farbiarz@gmail.com.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2237-7074>

Paula Ceccon Thurler

Mestre em Mídia em Cotidiano pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF), jornalista, formada em Comunicação Social – Jornalismo pela mesma universidade. Pesquisadora do LaPA, Laboratório de Pesquisas Aplicadas do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, e do grupo de pesquisa educ@midias.com - Educação para as Mídias em Comunicação, ambos vinculados ao PPGMC, foi orientada pelo prof. Dr. Alexandre Farbiarz durante o Mestrado. E-mail: ceccon.paula@gmail.com.

Orcid: (<https://orcid.org/0000-0002-5968-2697>)

Recebido em: 03/04/2019

Aceito para publicação em: 23/04/2019